

Isidoro de Sevilha

Natureza e valoração de sua cultura pela Hispânia tardo antiga

Prof. Dr. Ronaldo Amaral

Departamento de História
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)
Pós-doutorado UNESP-Assis, bolsista FAPESP
ronalduamaral@hotmail.com

Resumo

Sabemos o quão abundantes são as discussões historiográficas acerca de Isidoro de Sevilha e seu labor a partir da cultura clássica, especialmente em sua co-relação com a tradição cristã. Mas tal discussão já esteve mesmo entre seus contemporâneos. A elas, neste texto, queremos apresentar, a partir de fontes tanto provenientes da pluma de Isidoro, quanto de seus congêneres, especialmente padres visigodos, monges e bispos.

Palavras-chave: Cultura, Isidoro de Sevilha, Cristianismo

Abstract

We know how abundant are the historiographic discussions on Isidore of Seville and his grounds on the classical culture, especially concerning its co-relation to the Christian tradition. However, such a discussion has been raised even among his own contemporaries. Thus, this paper presents the latter, having both Isidore's own writings and the likes – especially the writings of Visigothic priests, monks and clerics.

Keywords: Culture, Isidore of Seville, Christianity

I. ISIDORO DE SEVILHA MENSURADO PELOS MONGES: ENTRE A CRÍTICA LAUDATÓRIA E A DESAPREÇO PELO SEU CLASSICISMO

Isidoro, Bispo da cidade Sevilha, fora o mais premente mentor da vida política, social e religiosa da Hispânia visigoda. Esta consciência, presente já em seus contemporâneos, engendrou e disseminou entre eles, testemunhos vários sobre sua pessoa e realizações, particularmente as de caráter cultural. Se a historiografia moderna tem se perguntado sobre a natureza das apropriações e usos da cultura clássica por parte de Isidoro de Sevilha, demonstraremos que esta questão é tão antiga quanto ainda aberta, pois estava presente mesmo na própria Hispânia de seu tempo – e regiões adjacentes – e produziu os mais dispares discursos, embora os de teor laudatório, naturalmente, se sobressaíam.

O primeiro destes testemunhos provem da região da *Gallaecia* e de um ambiente monástico-eremítico. Esta contido em uma hagiografia anônima, a *Vita Sancti Fructuosi*, em que se delineia sobretudo a imagem de Isidoro como um clérigo intelectual, de grande valor e conhecimentos literários, particularmente aquele concernente à tradição romana; visão similar encontrada em Bráulio de Saragoça em seu *Renotatio*, como veremos.¹

Isidoro seria ainda indicado pelo autor da hagiografia citada, certamente um monge de média erudição, como um eminente retórico e renovador brilhante dos “ensinamentos dos romanos”. E aqui, a não parca discussão, do lugar ocupado pela cultura clássica nas obras de Isidoro de Sevilha, dos quais teremos de lembrar, dentre outros, Jacques Fontaine, e em mais de uma obra. No mais, como nos lembraria Manuel C. Diaz y Diaz, Isidoro tomaria parte daquela pequena e privilegiada parcela de famílias poderosas que nos primeiros séculos germânicos, com o desmantelamento da vida citadina e de suas escolas, puderam manter preceptorias que transmitiriam e fariam perdurar a cultura do mundo antigo em estado privado, que então deixava de se fazer e transmitir, enquanto matéria ordinária de ensino, diante do declínio daquela realidade e de suas instituições educacionais. (Diaz y Diaz 1992: 9-32). Assim, seria educado e instruído naqueles “velhos ensinamentos dos romanos”, em plena época de declínio das escolas que os transmitiriam e os legariam. Daí seu caráter cultural bastante peculiar, frente à grande maioria destituída de instituições de ensino, as quais viriam a surgir tão só no século posterior, e com gradações já nitidamente cristãs, como as escolas monásticas e catedralícias. Desse modo, para o hagiógrafo citado, o bispo de Sevilha representaria mais do que aquela cultura identificada a Roma cristã, a característica da Roma clássica, do saber clássico, que o próprio teria renovado. Entretanto, caberia talvez perguntarmo-nos o que pretendia o monge autor da *Vita Fructuosi* com esta observação, “*dogmata reciprocauit Romanorum*” e particularmente com a expressão “*reciprocauit*”, cujo sentido implica mais do que um influxo direto e positivo, uma significação de afluxo e refluxo.² Que Isidoro teria o cuidado de utilizar-se das obras pagãs, de maneira renovada, ou ainda, obliteradas de sua natureza e significados mesmos, para colocá-las então em função das verdades da fé cristã, e ainda em razão deste empreendimento, as selecionaria ao fazer delas uso e interpretação convenientes com a nova cultura cristã, como o vemos efetivamente acontecer em muitas de suas obras. Ou auferia uma crítica implícita e de certa forma sarcástica ao bispo de Sevilha, que ainda se apegava àquela tradição então digna de exclusão, e o termo teria uma conotação de “retomou novamente”, “de novo a colocou em uso”?

Teríamos, pela natureza da fonte, que nos contentar com as relevâncias suscitadas pelas perguntas mesmas, pois as respostas seriam sempre seletivas e partidárias. Mas, e provavelmente vindo em auxílio de algum modo a elucidação destas

perguntas, não poderemos nos negar de acrescentarmos aqui algumas reflexões provenientes de autores devidamente autorizados para tanto, e da leitura de fontes que temos consultado e que nos ajudaram a perceber a condição e o uso da cultura clássica nas obras de Isidoro.

II. ISIDORO ENTRE O CRISTIANISMO E A CULTURA ANTIGA: CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS E FILOLÓGICAS

O grande número da produção literária de Isidoro de Sevilha e, sobretudo, a multiplicidade de temas e questões que tratara, pois não apenas se restringira a teologia, ou as demais questões relacionadas à Igreja e à fé cristã, mas buscara entender e dar a entender temas ligados à filosofia, literatura, história, cosmografia, medicina, física, ciências naturais, poesia, entre outros, nos indicariam que sua formação e trabalho intelectual compreendiam uma substancial bagagem literária clássica. Desse modo, pudera afirmar Carmem Codoñer Merino, que o impacto de Isidoro sobre seu tempo, e mesmo em épocas posteriores, tem sua origem no inesperado e desusado interesse pela cultura, não necessariamente eclesiástica, nem política, mas sim a entendida no sentido profano (Codoñer Merino 2002: 108), ou seja, “os ensinamentos dos romanos”, como quisera o autor da *Vita Fructuosi*. Mas que uso e sob que ótica Isidoro se fazia valer e propugnava esta cultura antiga?

Esta questão, como já dissemos, não se mostra nova nem de toda irresoluta. A mesma Carmen Codoñer Merino nos atentaria para o fato de que Isidoro, seguindo a seus predecessores, padres latinos e orientais, como Agostinho, a quem esta autora transcreve, viria a fazer um uso não indiscriminado da cultura clássica, pois seus autores e obras seriam utilizados desde que auxiliassem ao entendimento das Sagradas Escrituras, uma vez que, como coloca esta autora “(...) os livros são um legado cultural que a cada período são objetos de leituras distintas e inclusive encontradas. Há leituras de época, leituras pessoais dentro das épocas. Também há modos de ler. Não se lê gramática por prazer, senão para poder desfrutar das leituras de outros livros (...)”. (Codoñer Merino 2002: 109). E o cristianismo, que inauguraria uma nova época, criaria um novo modo de ler as obras daquela anterior, modo este, conduzido e arrazoado pela mais eminente mentora destes novos tempos – a Igreja – que se impôs a condição de porta-voz desta nova tradição cultural – o cristianismo.

Vindo em defesa desta observação para Isidoro de Sevilha, Manuel Díaz y Díaz nos demonstra que a cultura clássica, ainda que presente na personalidade intelectual, literária e mesmo íntima do bispo de Sevilha, tão somente se justificaria e se apresentaria por estar em função, ou às vezes mesmo em conflito, com sua preeminente formação religiosa. Isidoro seria considerado por Díaz y Díaz, como uma personalidade essencialmente “medieval”, ou ainda cristã.

“Porque uma coisa é indiscutível, que a formação de Isidoro é, apesar do que parece, radicalmente religiosa. Penso que só a partir desta completou e aperfeiçoou sua formação profana, ao contrário do que poderia ser a situação mais comum. Que a formação religiosa fora anterior, e com certos traços monásticos profundos, se advinha pela tensão constante em que se moveu Isidoro, entre as exigências desta educação e seus ricos pontos de vista sobre o mundo antigo, embasados em um matizado conhecimento gramatical e lingüístico.” (Díaz y Díaz 2002: 75)

Talvez, por Isidoro de Sevilha encontrar-se no ponto de junção entre duas culturas mais ou menos distintas, a clássica que se herdava e a cristã que se inaugurava, e tanto cronologicamente, como por sua escolha de as abarcar em seus estudos, e uma vez que, a partir deste momento, o trabalho em conciliá-las lhe ocupasse quase integralmente, fosse acusado por alguns autores de não ter uma teoria, uma filosofia própria. Daí pensarmos que Isidoro, mesmo e precisamente por fazer-se um compilador, um organizador de conhecimentos “prontos”, deveria assistir um mérito tão grande, quanto os dos produtores daqueles “conhecimentos” anteriores, que dariam matéria ao seu labor. Sua posição temporal (Antiguidade Tardia) e espacial (a Bética romanizada) lhe cobraria este papel de conciliador destas duas culturas, que não obstante, dariam origem às premissas da segunda, a origem da “literatura de base” para os pensadores posteriores, sobretudo os medievais, dos quais citamos as Etimologias e os três livros das Sentenças, obras de Isidoro, que embasariam e se constituíam em escritos de referência para tratados enciclopédicos e teológicos, respectivamente, em posteriores épocas. Contudo, para além deste seu trabalho literário, e de certa forma, a partir deste mesmo, Isidoro seria um homem de ação, de criação, sobretudo se considerarmos sua posição enquanto bispo, e conseqüentemente, como agente político e social para a Hispânia visigoda, como veremos mesmo. Desse modo, Jacques Fontaine já havia observado que o bispo de Sevilha se constituía, mais do que em um simples compilador da cultura antiga, o “último filólogo clássico”, em um homem de ação, engendrador de uma cultura em grande medida própria de sua época e pensamento, e não obstante, considerando-o no quadro específico da Península da tardo-antiguidade, em um homem que influíra em sua realidade a ponto de produzir a essência mesma daquela que seria a Igreja e a monarquia visigoda (Fontaine 1986: 8).

III. AS FONTES ISIDORIANAS NO ENCONTRO DA CULTURA CLÁSSICA COM O CRISTIANISMO

Buscando entender o uso que realizara Isidoro da cultura clássica em seus escritos, o modo que a concebera e comunicara, e para além dos testemunhos históricos de terceiros e historiográficos modernos, nos lancemos em uma apreciação direta de alguns de seus escritos, objetivando aclarar seu trabalho e orientação diante da cultura greco-latina e sua relação, quando possível, com o cristianismo eclesiástico emergente.

Isidoro, que, no primeiro livro das Sentenças, acusaria os filósofos de cultivadores de uma sabedoria que não residia no conhecimento de Deus, portanto suscetível e tomada pelos demônios, no terceiro livro assim admoestava

“A razão pela qual se proíbe aos cristãos ler as ficções dos poetas é porque, mediante o prazer das inanes fábulas, desperta a alma aos incentivos libidinosos. Porque não se imola aos demônios só queimando incenso, senão também recebendo seus ditos com grande vontade ou complacência (...)”.
(Isidoro de Sevilha 1971: cap. 3,13)

Esta mesma repreensão encontrar-se-á em sua *Regula Monachorum* “(...) O monge não deve ler livro de autores pagãos ou hereges, pois é preferível ignorar suas doutrinas perniciosas que cair no laço de seus erros pela própria experiência (...)” (Isidoro de Sevilha 1971, cap.8) que, no entanto, nos demonstrara, e por meio desta mesma afirmação pouco louvável as obras clássicas, que estas estariam contidas e de algum modo acessíveis na biblioteca de seu mosteiro. Todavia, para Isidoro de Sevilha a cultura clássica seria um bem reservado àqueles que dela soubessem fazer uso, ou

seja, soubessem desprovê-la, ou mesmo e anteriormente, prove-las, dos “erros”, dos “demônios”, ao cristianizá-la. Feito isto, poder-se-ia realizar um uso seguro, preciso e conveniente com a nova fé e seus alicerces que se inauguraram. E aqui, o próprio se inseria com competência e autoridade singulares.

A atitude do bispo de Sevilha em relação ao saber clássico seguirá assim aquela tendência já observada nos Padres anteriores, ora rechaçando-a categoricamente, ora aproveitando-a quando a autoridade daqueles convinham à fé cristã. Escolas filosóficas clássicas, como o estoicismo e o neoplatonismo, por suas naturezas mesmas, seriam as mais absorvidas pela teologia cristã. Isidoro, todavia, e talvez como um traço singular frente a outros padres bem mais “conservadores” da nova ordem, não deixaria em algumas ocasiões de se referir positivamente aos pensadores antigos e fazer uso deles por eles mesmos (Sebastian 1982: 92).

Mesmo a vida monástica pensada e organizada por Isidoro de Sevilha, por meio de sua *Regula Monachorum*, propiciaria um gosto e um lugar a cultura mais erudita, ainda que exclusivamente cristã, muito mais relevante que as demais regras monásticas hispânicas de sua época. Esta imporia um cotidiano ao monge cujo tempo dispensado ao saber e a cultura letrada era relativamente longo. Leituras individuais, leituras nos atos litúrgicos, conferências com o abade e outros superiores, compunham estas atividades de aquisição do saber. O cotidiano do monge seria preenchido por horários de leitura particular que, em uma temporalização mais contemporânea, compreenderia entre três e seis horas, de acordo com as estações do ano. (Isidoro de Sevilha 1972: cap. 5). O bispo Sevilhano dedicaria ainda um capítulo para os códices, demonstrando seu cuidado para com estes. Ficariam sob a responsabilidade do sacristão que os distribuía diariamente pela manhã – hora prima – e o recolhia ao final do dia – hora véspera. As questões suscitadas por estas leituras individuais deveriam ser comunicadas ao abade e pelo mesmo sanadas, que as explicaria na conferência³ e sob a presença dos demais irmãos. Isidoro demonstrara aqui, uma vez mais, sua preocupação em orientar o saber dos seus monges, ou ainda, que este estivesse adequadamente em conveniência com aquele que ele próprio vinha edificando e estabelecendo em suas obras. As verdades da fé cristã, neste momento, já não deixavam espaço a uma leitura crítica e aberta, pois como queria o autor desta regra, as conclusões destas advindas, as lícitas, acrescente-se, estariam, sobretudo, na boca da instituição, ou seja, na palavra última e talvez inquestionável do abade do mosteiro.

IV. ISIDORO NAS FONTES EPISCOPAIS VISIGODAS: UM MESTRE DECLARADO

Mas, a parte das considerações sobre a tessitura da cultura de Isidoro, principalmente na conjugação cultura antiga-cultura cristã, o reconhecimento de Isidoro como homem erudito e encerrador de uma cultura elaborada, já estava assente entre as pessoas de seu tempo, como já demonstramos. Acrescente-se, não apenas por relatos que pretenderam nos dar a conhecer sua “vida”, que como sabemos, seriam quase sempre panegíricos e edificantes à pessoa e suas realizações, mas por documentos epistolares, legislativos e mesmo hagiográficos, que não os tendo por agente principal, a ele fariam referência, sobretudo por seu caráter de homem culto e erudito. Este seria o caso, como vimos, da *Vita Fructuosi*, que embora atentasse para o teor “negativo” da cultura do bispo de Sevilha, não deixaria de a exaltar.

O bispo de Saragoça, Bráulio, que fora discípulo de Isidoro e deveria ter vivido sob a orientação deste por um certo período (Urbel 1995: 206), tornar-se-ia um de seus

melhores amigos, como nos demonstram as correspondências enviadas entre ambos. Bráulio participaria, inclusive, da vida intelectual e literária de Isidoro, corrigindo, a pedido do mesmo, os livros das Etimologias e ordenando-os na disposição que nos chegaria até o presente.

As correspondências de Bráulio enviadas a Isidoro demonstraram sempre uma grande reverência por este, mas, sobretudo e, caracteristicamente, por seu caráter de intelectual e por sua produção científica. “(...) *Pois se Deus te a confiado a administração de seus tesouros, de suas riquezas, da salvação, da sabedoria e da ciência, (...)*” (Bráulio de Saragoça 1975). Em correspondência enviada a Frutuoso, monge e fundador monástico, protagonista da *Vita* de seu mesmo nome, aqui varias vezes citada, Bráulio daria a conhecer Isidoro dessa forma categórica, “(...) *Em nosso tempo o bispo de Sevilha, Isidoro, homem de incomparável ciência (...)*” (Bráulio de Saragoça 1975: ep.44). Assim, ao monge da Galiza Frutuoso, Bráulio daria a conhecer Isidoro como homem de incomparável ciência de seu tempo, pois citando anteriormente Jerônimo, Agostinho e Euquerio, colocaria o bispo de Sevilha no mesmo grau de saber destes padres.

Devemos ainda a Bráulio, a sua *Renotatio*, o testemunho mais detido sobre Isidoro, pois este contemplara dados bastante diversos sobre sua pessoa e a produção intelectual. O elogio à obra literária e o caráter erudito de Isidoro estiveram igualmente presentes, como não poderia deixar de ser. Embora devamos lançar um olhar crítico a estas linhas e suas considerações, pois estamos novamente diante de um texto de intento biográfico, portanto provido de todos os louvores e exageros edificantes a pessoa pretensamente biografada, as palavras de Bráulio, por mais exageradas e panegíricas que pudessem ser, não estariam de todo desprovidas de sua parcela de assertiva. Assim se referiria à Isidoro no que respeitara à sua ampla cultura e as formas de percebê-la

“Nele há reivindicado a Antiguidade uma parte de seus direitos, melhor nossa época há visto refletida nele a imagem mesma da Antiguidade. Foi, em efeito, um homem valioso, suficientemente formado em todos os gêneros de estilos como para ser capaz de fazer-se entender pelos ignorantes e pelos cultos, dada a qualidade de sua expressão, ainda que brilhara também por uma eloqüência incomparável quando se apresentava a ocasião. Por outra parte, um leitor especialista poderá dar-se conta com grande facilidade da amplitude de seu saber segundo a diversidade das matérias pelas que sentiu curiosidade e a elaboração de seus opúsculos (...).” (Bráulio de Saragoça 2002: 305)

Se acreditarmos insuficientes e talvez dispensáveis as correspondências de Bráulio, em função de um certo “partidarismo” pela convivência e estreita amizade com Isidoro, que fora ainda, muito provavelmente, seu mestre e mentor quando de sua primeira formação, poderemos chamar para esta causa outras fontes.

Escrito de substancial valor para o conhecimento cultural de Isidoro será a obra de Ildefonso de Toledo, “*De viris illustribus*”, que, como seria de se esperar, virá a sublinhar sua capacidade de homem sábio e erudito (Ildefonso de Toledo 1972:cap.10). O bispo de Toledo observara e enfatizara em relação ao Sevilhano sua capacidade retórica, sua expressão edificante e por vezes de construção bastante complexa, o que exigia dos que o ouviam um grande esforço para o entendimento, denotando assim seu alto nível de abstração e conhecimento. Esta ênfase dada a linguagem e à fala de Isidoro de Sevilha, como igualmente denotadora de sua ciência, a encontramos igualmente na *VF*, como pode-se averiguar pela transcrição que fizemos antes de algumas passagens de seu primeiro capítulo. Assim, e embora o elogio a capacidade retórica de um personagem histórico entre os escritores daquele período pudesse se constituir em um tópico, como anotou Jacques Fontaine, a menção por obras e autores distintos em

relação a este aspecto intelectual de Isidoro, colaborara definitivamente para nos assegurarmos dele. Descrevendo de início o parentesco entre Leandro e Isidoro como irmãos e primasses do episcopado de Sevilha, segue o autor

“(...) Homem que destacava por sua distinção, assim como por seu talento pois ao falar alcançou grande facilidade e uma atrativa fluidez; sua admirável riqueza de expressão deixava tão estupefatos aos ouvintes que o que o havia escutado, no retinha o escutado senão se lhe repetia varias vezes”. (Ildefonso de Toledo 1972: cap.10)

Após enumerar algumas de suas obras e alguns nomes para os quais seriam estas oferecidas, e localizar Isidoro dentro de uma cronologia política, dando nos a saber quais reis detiveram o poder enquanto este viveria, faria anotar que estando à frente da cátedra de Sevilha por quarenta anos, realizou esta prelazia “ [...] *detendo a insigne glória e lustre de sua sagrada sabedoria (...)*”(Ildefonso de Toledo 1972: cap.10).

O “*De viris illustribus*” viria a ser, assim, uma das obras que, ainda que pudesse conter um certo direcionamento apologético, por narrar a vida de “homens ilustres”, colaboraria com uma visão igualmente esclarecedora de Isidoro como homem culto e dinâmico na vida religiosa e social.

O Concílio VIII de Toledo fora mais uma das fontes que em tempos de Isidoro, ou mais precisamente em época pouco posterior à sua morte, já o reverenciaria como homem douto e sábio, colocando-o, em razão de sua doutrina, ao lado de padres como Ambrósio, Agostinho e Gregório Magno.

[...] Também o doutor egrégio de nosso século, honra recente de nossa Igreja católica, o mais moderno de todos, mas não o menor por sua doutrina, e o que é mais, o doutíssimo dos últimos tempos, digno de ser nomeado com reverência, Isidoro, [...]. (Concílio VIII de Toledo, 1963)

Dessa forma, para utilizar-se de um argumento presente no livro segundo de suas Sentenças, o concílio não medira palavras para dar a conhecer o seu autor, que como se vê o recobriria de elogios em torno de sua sabedoria e autoridade. Isidoro será investido por esta assembléia de bispos e nobres de uma dignidade comparável a de padres como santo Agostinho. Embora sendo elogios de contemporâneos de Isidoro, estes não poderiam ser de todo exagerados; pois, mais do que recair sobre o homem Isidoro, se refeririam à sua obra, que se conservara e fora utilizada com grande sucesso pela Igreja visigótica e mesmo por outras Igrejas ocidentais, como, por exemplo, demonstrou Jacques Fontaine em trabalho anteriormente citado.

V. O BISPO DE SEVILHA: UMA FIGURA RESSONANTE NA TARDO ANTIGUIDADE

Seu influxo intelectual e cultural fora, portanto, tão relevante e contundente que seria recordado e louvado ainda com grande freqüência por muitos outros de seus contemporâneos, entre os quais o autor das *Vitae Sanctorum Patrum Emeretensium*, (*Vida de los Santos Padres de Mérida* 2008) que conhecera e utilizara o livro dos Sinônimos, e o autor da *Leges Wisigothorum* da mesma metade do século VII, que, referindo-se aos deveres de Estado dos superiores eclesiásticos e laicos, buscava suas conseqüências práticas dos princípios expostos no livro terceiro das Sentenças isidorianas. Mais tarde Juliano de Toledo também o recordaria por meio do XV

Concílio de Toledo e por retomá-lo de modo abundante em algumas de suas obras (Fontaine 2002a: 289). Outros exemplos serão citados por Fontaine, que no mais buscara nos demonstrar a influência de Isidoro por meio de algumas de suas obras e, sobretudo nos séculos VII e VIII, por seu conhecimento e afluxo em regiões como a Inglaterra meridional e as Ilhas Britânicas. O conhecimento literário de Isidoro, naquela primeira região, estaria atestado pela utilização de muitas de suas obras pelo primeiro grande escritor daquelas ilhas, Aldhelmo, segundo o mesmo Fontaine (2002b: 142). Entre os monges irlandeses, igualmente Isidoro seria lido, e tanto por seu valor pedagógico, como teológico, pois seu latim e uma certa simplicidade didática de sua língua ajudariam a estes monges de língua céltica, recentes conhecedores da língua latina.

A disseminação das obras de Isidoro viria a atingir ainda as regiões francas, sobretudo em função da invasão árabe, que levaria um grande número da população peninsular à França. Isidoro extrapolaria assim, e mais uma vez, a sua realidade e região mesma, e seu pensamento adquiriria a partir de então um papel relevante na organização da cultura carolíngia. A reforma do Estado e da Igreja promovida pelo Império Carolíngio buscava uma nova ordem que pareceria muito com aquela já buscada e obtida pela monarquia visigoda – restabelecimento da ordem tanto na Igreja como no âmbito monárquico, unidade e estabilidade religiosa e política a partir sobretudo da forte aliança entre o político e a Igreja – o que permitiria, dada esta analogia entre as duas conjunturas históricas, as obras de Isidoro, suas concepções acerca da política e de sua organização, servirem tão bem ao reino carolíngio quanto serviriam ao visigodo (Fontaine 2002b: 143). Anotemos que a importância que Isidoro conquistaria, e que viria a extrapolar mesmo seu território em época mais ou menos contemporânea a ele mesmo, se daria sobretudo por sua relevância enquanto um homem personificador e mesmo criador do mundo cultural daquela realidade.

FONTES

- Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos*. Edición bilingüe (latim-espanhol) de J. Vives. Barcelona Madri: CSIC, 1963.
- BRAULIO DE SARAGOÇA. *Epistolario*. Edición bilingüe (latim-espanhol) de L. Riesgo Terrero. Serie Filosofia y Letras 31. Sevilha: Anales de la Universidad Espalense, 1975.
- _____. *Renotatio Isidori*. Texto incluído e traduzido (latim-espanhol) por Jacques Fontaine em Isidoro de Sevilla. Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos. Madrid: Encuentro, 2002, p. 305 - 309.
- ILDEFONSO DE TOLEDO. *De viris illustribus*. Edición crítica de M. Codoñer Merino. Salamanca: Universidad de Salamanca. 1972.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etymologiarum*. Edición bilingüe (latim-espanhol) de J. ° Reta e M. A. M. Casquero, com introdución de Manuel C. Díaz e Díaz. Madrid: BAC, 2004.
- _____. *Regula Monachorum*. Edición bilingüe (latim-espanhol) de J. Campos e I. Roca. *Santo Padres Españoles*. Madrid: BAC, 1971, v.2, p. 92-125.
- _____. Sentenças 1, 17. Edición bilingüe (Latim-Espanhol) de J. Campos e I. Roca. *Santo Padres Españoles*. 2v. Madri: BAC, 1971.

La Vita de San Fructuoso de Braga. Edição, tradução e notas por Manuel C. Díaz y Díaz. Braga, 1974.
Vida de los Santos Padres de Mérida. Introdução, tradução e notas por Isabel Velazquez. Madri: Trotta, 2008.

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Ronaldo. *A santidade habita o deserto. A hagiografia à luz do imaginário social*. Prefácio de Hilário Franco Júnior. La Coruña: Toxosoutos, s/d.(em publicação)
- _____. Saber e educação na Antigüidade Tardia: Os Padres monásticos e eclesiásticos diante da cultura greco-romana. *Mirabilia*, v. 6, 2006.
- CODOÑER MERINO, Carmen. El mundo cultural de Isidoro de Sevilla In: *Isidoro Doctor Hispaniae*. Sevilla, León, Cartagena: Ministerio de educación e deporte, Universidade de Sevilla, 2002.
- DÍAZ Y DÍAZ, Manuel C. Isidoro el hombre In: *Isidoro Doctor Hispaniae*. Sevilla, León, Cartagena: Ministerio de educación y deporte, Universidade de Sevilla, 2002.
- _____. Problemas culturales en la Hispania tardorromana y visigoda. In: *De la antigüedad al medioevo. Siglos IV-VIII*. III Congreso de estudios Medievales. S/L. Fundación Sanches-Albonoz, 1993, p. 9-32.
- FONTAINE, Jacques. Isidoro di Sevilgia e la cultura del suo tempo. In: *Culture et spiritualité en Espagne du IVe au VIIe siècle*. Variorum Reprints: London 1986.
- _____. *Isidoro de Sevilla. Génesis y originalidade de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*. Madrid: Encuentro, 2002a.
- _____. La estela europea de Isidoro de Sevilla In: *Isidoro Doctor Hispaniae*. Sevilla, León, Cartagena: Ministerio de educación e deporte, Universidade de Sevilla, 2002b.
- SEBASTIAN, F.- Javier Lonzano. *San Isidoro y la filosofía clásica*. León: Isodoriana, 1982.
- URBEL, Justo P. *San Isidoro de Sevilha, su obra y su tiempo*. León: Cátedra de San Isidoro de la Real Colegiata de León, Universidad de León Secretariado de Publicaciones, 1995.

NOTAS

¹ *La Vita de San Fructuoso de Braga*. Edição, tradução e notas por Manuel C. Díaz y Díaz. Braga, 1974. Realizamos um estudo desta fonte em nossa tese de doutorado em vias de publicação AMARAL, Ronaldo. *A santidade habita o deserto. A hagiografia à luz do imaginário social*. Prefácio de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Editora da Unesp, s/d.

² O termo adotado pela tradução castelhana que utilizamos “renovó”, nos parece pouco preciso diante de possibilidades, menos unilateral e menos positiva, que esta. O termo latino “*reciprocauit*” por encerrar sobretudo um sentido de alternância, de vai-e-vem, poderia nos oferecer outras possibilidades de tradução mais ou menos coerentes com seu sentido mais exato, ou ainda, com aquele pensado pelo autor deste texto. Assim, a frase “renovou brilhantemente os ensinamentos dos romanos”, poderia ser traduzida por “recuou brilhantemente com os ensinamentos dos romanos”, no sentido de a ter retomado de forma desnaturalizada em si mesma, ou seja, cristianizada, como fora uma prática própria desta época de transição e edificação do cristianismo como uma religião que deveria possuir um pensamento tão complexo e fundamentado, ou seja, constituído em uma teologia, quanto as antigas correntes do pensamento clássico, muitas das quais se apropriou e reverteu em um sentido mais próprio para seu uso. Ver por exemplo AMARAL, Ronaldo. Saber e educação na Antigüidade Tardia: Os Padres monásticos e

eclesiásticos diante da cultura greco-romana. *Mirabilia*, v. 6, 2006. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num6/art1.htm> Último acesso em: 14/12/2008

³ As conferências ou refeições, segundo a entendia Isidoro de Sevilha, e partir dele sua razão e prática para a Hispânia desta época, ainda que não somente restrita ao âmbito monástico, podemos conhecer por meio do livro 3, 14 de suas Sentenças.